
Alfabetização no Brasil: caminhos a seguir para o ensino efetivo da leitura

RITA DE CÁSSIA DUARTE LEITE*

PEDRO SAULO ROCHA MARTINS**

ÂNGELA MARIA VIEIRA PINHEIRO***

Resumo

Os indicadores sobre a educação brasileira apresentam dados preocupantes quanto ao índice de analfabetos funcionais e aos escores dos alunos em competências de linguagem, de matemática e de ciências em avaliações nacionais e internacionais. Há que se pensar em mudanças para melhorar esse quadro educacional, principalmente agindo nos anos iniciais, para que a alfabetização ocorra na idade certa e de forma adequada, o que nos remete à necessidade de estudos que busquem identificar os métodos de alfabetização elaborados com base em evidências científicas e que cumpram o seu papel. A presente revisão tem como objetivo apresentar uma descrição dos principais métodos de alfabetização desenvolvidos no Brasil.

Palavras-chave: Analfabetismo funcional. Métodos de alfabetização. Neurociências. Psicolinguística.

* Fonoaudióloga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CAPES. Belo Horizonte-MG.

** Graduando em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de iniciação científica PIBIC-CNPq – UFMG/MG. Belo Horizonte-MG.

*** Psicóloga. Doutora em Psicologia Cognitiva pela University of Dundee. Professora Titular do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG.

Introdução

Indicadores da educação no Brasil

Os dados publicados pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF, 2011) indicam que 27% dos brasileiros são Analfabetos Funcionais (AF), o que significa que esses indivíduos não têm as condições básicas para exercer sua condição de cidadão e nem de refazer o seu conhecimento de mundo, a partir da leitura de palavras. Dentre esse percentual, 4% são analfabetos e 23% possuem apenas a habilidade necessária para realizar tarefas simples de leitura, conseguindo, no máximo, localizar uma informação explícita em um texto pequeno e usual, além de realizar operações matemáticas básicas (nível rudimentar). Esse quadro alarmante, combinado com os baixos escores obtidos por nossos alunos em competências de linguagem, matemática e ciências, na faixa dos 15 anos, conforme o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes – PISA (OCDE, 2012), mostra que um dos desafios da educação brasileira é a alfabetização.

Esse desafio torna-se mais difícil ao se considerar: i) os trabalhos apresentados no Fórum Nacional de Educação (2013), cuja conclusão é a de que “apesar do aumento de matrículas escolares, a quantidade de AF parece não diminuir”; e ii) a releitura dos resultados do Inaf de 2011, feita pelo Instituto Paulo Montenegro em 2016.

De acordo com a análise realizada em uma população especial, apenas 8% da população brasileira é proficiente em leitura, estando apta a compreender e refletir sobre os textos com condição plena de entendimento para tomar consciência de seus direitos e deveres e ampliarem suas condições sociais e profissionais.

O índice de alfabetizados funcionalmente alcança 73%, estando 42% no nível elementar (compreendem textos de extensão média) e 23%, no nível intermediário (conseguem na leitura e na escrita sintetizar a ideia central, realizar inferências e resolver problemas matemáticos complexos) (INAF, 2016).

Diante dos dados apresentados, a pergunta que emerge é sobre o que fazer para combater o analfabetismo funcional? Uma possível resposta seria não permitir que novos analfabetos apareçam. Como disse Rui Aguiar¹, gestor de programas do Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef: “*não há como resolver o problema do analfabetismo se não alfabetizarmos as crianças na idade correta*”. Para isso, torna-se necessário não só cumprir essa prescrição, mas também, repensar os métodos de alfabetização.

¹ <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-03-07/acoes-para-combater-o-analfabetismo-devem-ir-alem-da-escola-dizem-especialistas.html>

Revisão bibliográfica

Métodos de alfabetização

A necessidade de utilizar métodos de alfabetização pautados em estudos que considerem as bases cognitivas para a aprendizagem da leitura, embora de grande relevância, não vem sendo considerada. Os métodos atualmente adotados por muitos gestores educacionais e pela maioria das escolas desconsideram a fundamentação teórica que os sustentam (HEINIG, 2010). Isso parece se dever a uma rejeição do pressuposto de que o processo de aprendizagem da língua escrita não acontece de forma natural. Pelo contrário, as evidências indicam que ele deve ser sistematizado e formalizado, necessitando do desenvolvimento de metodologia adequada para tal.

Até a década de 1970, muito se discutiu sobre os métodos de alfabetização, particularmente no que diz respeito às suas con-

cepções teóricas, sendo as principais delas a analítica e a sintética (MORAIS, 2006). Os métodos originados da primeira abordagem, que parte do todo para as partes, se caracterizam pela utilização de unidades de significado como a palavra (palavração), a sentença (sentencição) e o texto (global), sendo o último o mais utilizado. A ideia é que o aluno, por meio do reconhecimento do todo, faça, posteriormente, um processo de reflexão em análises menores da língua, privilegiando o significado dentro da escrita e o seu uso social. Já os métodos originados da abordagem sintética, percorrem um caminho inverso, uma vez que partem de unidades menores que a palavra para chegar ao todo, utiliza as letras (alfabético), os fonemas (fônico) ou as sílabas (silábico) para promover estratégias de análise do sistema de escrita (SEABRA & DIAS, 2011; FRADE, 2005). A escolha entre um e outro método depende do que cada gestor educacional toma como objeto de ensino e como descreve o caminho que o professor e o aluno devem percorrer na alfabetização, ou seja, como aprender as questões relativas à decodificação e à codificação (FRADE, 2007).

Percurso histórico dos métodos de alfabetização

Frade (2003) apresenta uma análise do caminho seguido para o ensino da leitura e da escrita, no qual vários métodos foram utilizados no sistema de ensino, considerando, para isso, que os pesquisadores ao se posicionarem positivamente a favor de um método de alfabetização em uma época, naturalmente levavam a oposição ao outro. Porém, com a entrada do construtivismo na forma de ensinar, principalmente na questão da alfabetização, entre a década de 1980 e 1990, essas discussões cessaram, levando a uma diminuição dos estudos que consideravam como deve ser o ensino na alfabetização e um aumento dos que buscavam entender a teoria da psicogênese da escrita. A crença de que a escrita ocorre de maneira espontânea, trazida pela autora Emília Ferreiro

nos anos 80, presumia que o requisito para a alfabetização era a simples exposição da criança ao mundo da leitura para torná-la ativa na construção da escrita, independentemente dos métodos de alfabetização, tidos como “tradicionais” (SOARES, 2004).

Seguindo essa tendência, Morais (2006) chama a atenção para os novos livros didáticos que substituíram as cartilhas, repletos de informação textual com gêneros escritos diversos, mas com ausência de tarefas que propiciam a compreensão do sistema alfabético da língua pelo aluno, ou que o levem a refletir sobre a relação entre os grafemas e os fonemas. Enfim, sobre o construtivismo, vale enfatizar que o mesmo se trata de uma teoria epistemológica e não um método de alfabetização, e que, dentro de sua filosofia educacional, defende-se a ideia de que a alfabetização deve ser contextualizada nas práticas sociais da leitura.

Na busca de esforços para valorizar a escola e os professores e com a intenção de fornecer materiais pedagógicos didáticos de alta qualidade, o Ministério da Educação (MEC) elaborou o Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa (PNAIC) há cinco anos. O PNAIC foi criado com a meta de alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. A abordagem de alfabetização está pautada na perspectiva do letramento, que prevê condições de ensino voltadas para o funcionamento do sistema de escrita alfabética e às aprendizagens direcionadas aos usos sociais da escrita e da oralidade. A criança deve, então, adquirir competências como ler e escrever, falar e escutar para usá-las em contextos sociais diversos (BRASIL-ME, 2015).

O ensino sistemático da escrita alfabética destacado no PNAIC considera o domínio da relação grafema-fonema como requisito para a compreensão textual adequada e apresenta as duas competências (ler e compreender) como processos distintos (MORAIS, 2015). Porém, o que se vê é que, nas práticas de alfabetização, a relação grafema-fonema é pouco explorada. A maior preocupação

é com o ensino do nome das letras e com a compreensão textual, não cumprindo, assim, as premissas do PNAIC, principalmente ao entendimento e ao ensino do sistema de escrita alfabética.

Uma análise detalhada dos livros didáticos indicados para a alfabetização pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), realizada em 2004, por Albuquerque, Ferreira e Morais (2005), reforça o que foi relatado no parágrafo anterior: os livros didáticos são elaborados com ênfase em textos para a prática de leitura, com as atividades que levariam os alunos a refletirem sobre a relação grafema-fonema quase inexistentes. Para Morais (2006), os livros didáticos, como são elaborados, impedem que os professores se atenham ao ensino da relação grafema-fonema, uma vez que passam a ideia de que o sistema alfabético pode ser apreendido espontaneamente, bastando a imersão dos alunos nos textos apresentados nos livros.

Assim, a forma como os livros didáticos se apresentam reforça a tendência dos educadores darem preferência ao método analítico em detrimento aos métodos sintéticos, principalmente os que utilizam como unidade de trabalho a relação grafema-fonema (fônico), apesar de sua grande utilização antes do construtivismo. No entanto, vale enfatizar que o método fônico, pré-construtivismo, não privilegiava o trabalho sistemático em que a criança era ensinada a reconstruir de modo consciente a percepção da fala e desmembrar a cadeia da fala em palavras e a sílaba em seus constituintes, como sugere a psicolinguística. Igualmente, desconsiderava a importância da plasticidade neuronal para construção de novas aprendizagens e o ensino sistemático do sistema alfabético da língua portuguesa.

A neurociência e psicolinguística na alfabetização

Diversas publicações indicam que o método mais eficaz para a aprendizagem da leitura é o fônico, pois as crianças alfabetizadas

por esse método aprendem com maior rapidez e eficiência, devido à ênfase colocada no ensino/aprendizagem da correspondência grafema-fonema, essencial para o reconhecimento hábil de palavras, que, por sua vez, é a base da leitura com compreensão (ADAMS & OSBORN, 1990; CAPOVILLA, 2003; SEABRA & CAPOVILLA, 2011; TEMPLE ET. AL., 2005; YONCHEVA, WISE & MCCANDLISS, 2015). Além disso, a neurociência tem mostrado que a aprendizagem da leitura, partindo do ensino/aprendizagem da correspondência grafema-fonema e da construção de associações silábicas de menor complexidade (ex., consoante + vogal [pa]) para maior (ex., consoante, consoante + vogal [pra]), ocorre do lado esquerdo do cérebro. Ao utilizar o método analítico, em que o acesso inicial é do significado da palavra, o lado direito é ativado, contrapondo o que se faz necessário para o reconhecimento dos grafemas. Ou seja, torna-se um processo mais demorado para o domínio do processo de decodificação, pois requer a via contrária do funcionamento do cérebro (DEHAENE, 2012). O autor reforça que esse tipo de aprendizado da leitura prejudicaria a interpretação textual, que depende da decodificação automatizada das palavras para ocorrer efetivamente. Quando a decodificação é difícil para o leitor, demanda mais atenção e gera grande esforço para que a leitura aconteça, levando-o a não conseguir concentrar-se na mensagem textual. Portanto, o primeiro passo para melhorar a interpretação de texto é a automatização da leitura, estabelecendo uma boa decodificação. Essa dificuldade ainda se torna maior nas crianças que apresentam fatores de risco para os transtornos de aprendizagem ou para aquelas de vulnerabilidade sociocultural (STAHL, 1995; YATES, 1988).

Os métodos de alfabetização, portanto, devem ser atualizados e moldados a partir do reconhecimento de como o ato de aprender a ler e escrever ocorre no cérebro. Porém, como afirma Moraes (2006), não se deve excluir do processo de alfabetização a prática de experiências letradas, que promovem a apropriação dos

gêneros escritos de circulação social.

Métodos fônicos no Brasil

Podemos destacar cinco métodos fônicos de maior destaque no Brasil, o método elaborado por Seabra e Capovilla (2004), o *Programa Alfa e Beto de Alfabetização* do Instituto Alfa e Beto (n.d.), o *Método Fonovisuoarticulatório (método das boquinhas)* (JARDINI & VERGARA, 1997), o programa *As letras falam: metodologia para alfabetização* (ZORZI, 2016) e o *Sistema Scliar de Alfabetização* (SCLIAR-CABRAL, 2013).

A abordagem fônica desenvolvida por Seabra e Capovilla (2004), apresentada no livro “Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica”, publicado em 2011, hoje na sua 6ª edição, aponta procedimentos de como diagnosticar e intervir nas competências metafonológicas em crianças de seis a oito anos de idade. Além de descrever a eficácia de procedimentos fônicos, levanta a necessidade do aprimoramento das práticas de alfabetização. O livro “Alfabetização: método fônico”, desenvolvido pelos mesmos autores em 2004, propõe uma revisão teórico-conceitual dos modelos de processamento de leitura, dos fundamentos científicos do método fônico e apresenta resultados de estudos nacionais e internacionais sobre a eficácia do método fônico. Traz 130 atividades fônicas e metafonológicas. Em 2005, as atividades propostas no livro deram origem a um aplicativo: “Alfabetização fônica computadorizada”, produzido na forma de CD-ROM, com manual de uso.

O Programa Alfa e Beto de Alfabetização (INSTITUTO ALFA E BETO) é indicado para as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. Tem como objetivo garantir o domínio da leitura fluente. Os materiais do Programa contemplam as seguintes competências: consciência fonêmica, princípio alfabético, decodificação, fluência de leitura, desenvolvimento de vocabulário, estratégias de compre-

ensão de textos e competências de redação. São eles: i) manual de orientação do Programa Alfa e Beto de Alfabetização; ii) testes de avaliação individual da decodificação, da fluência em leitura e de compreensão e expressão oral dos alunos; iii) livro Aprender a Ler (manual do professor); iv) livro Aprender a Ler, composto por 20 lições, que trabalham as competências de leitura e escrita; v) livro Gigante Leia Comigo (livro do professor e do aluno), que inclui 22 leituras ricamente ilustradas; vi) manual da consciência fonêmica, que apresenta atividades lúdicas para desenvolver nas crianças a identificação dos fonemas, grafemas e suas relações; e vii) materiais didáticos diversos (bonecos Alfa e Beto, letras emborrachadas, cartelas com uma letra e, no verso, uma figura que comece com a respectiva letra, e outros).

O Método Fonovisuoarticulatório (método das boquinhas) (JARDINI & VERGARA, 1997) baseia-se no pressuposto de que a integração sensorial de estímulos é benéfica para a consolidação da aprendizagem. A proposta consiste em estimular a alfabetização através da fala, do exercício da consciência fonológica e consciência fonoarticulatória. Na última, cada grafema é associado ao ponto fonoarticulatório. A metodologia dispõe de diversos materiais lúdicos (utilizando espelhos e esquemas com fotos de bocas) e livros, tanto para o alfabetizador quanto para o aluno. Pode ser aplicado em crianças em processo de alfabetização e com dificuldades de aprendizagem (JARDINI & SOUZA, 2006).

O programa “As letras falam: metodologia para alfabetização” (ZORZI, 2016) foi criado com base na experiência do autor em alfabetizar crianças com problemas de aprendizagem e marcadas pelo insucesso escolar. É de abordagem fônica. Objetiva desenvolver o conhecimento das regras de correspondência entre grafemas e fonemas e as habilidades metafonológicas e, para tal, propõe atividades sistematizadas. Pode ser aplicado no ensino regular com crianças no início do processo de alfabetização e no atendimento clínico (fonoaudiológico, psicopedagógico, psicológico)

daquelas com problemas de aprendizagem.

Scliar-Cabral, em 2003, iniciou a elaboração de uma proposta de alfabetização que integrasse os saberes das ciências humanas e biológicas para levar o alfabetizando a se apropriar da linguagem escrita de forma a atingir realização pessoal, exercer sua cidadania e incluir-se na sociedade da informação.

O Sistema Scliar de Alfabetização (SSA) foi desenvolvido com o objetivo de melhorar a situação do analfabetismo funcional no Brasil, acreditando que isso só será possível se houver mudanças nas práticas de alfabetização. Para isso, coloca à disposição de todos os interessados no estudo e no ensino da leitura um material pedagógico de excelência, com base nas mais recentes teorias e pesquisas sobre as ciências que têm a linguagem como objeto de estudo. Esse material é composto das seguintes obras: “Aventuras de Vivi” (SCLIAR-CABRAL, 2012), Sistema Scliar de Alfabetização: Fundamentos (SSA-F) (SCLIAR-CABRAL, 2013) e o “Sistema Scliar de Alfabetização Roteiros para o professor: Módulo 1” (SCLIAR-CABRAL, 2018).

O SSA-F (SCLIAR-CABRAL, 2013) forma o professor para que ele compreenda o papel da neurociência nas novas metodologias de alfabetização, entenda a relação da consciência fonológica com o processo de alfabetização e os processos envolvidos na aprendizagem de uma língua de base alfabética, especificamente, o português brasileiro, trazendo as contribuições da psicolinguística quanto à necessidade de levar o aluno a refletir, de modo consciente, sobre a cadeia da fala, para que possa desmembrar as palavras em sílabas e em seus constituintes (fonemas) e reconhecer os traços invariantes dos grafemas. O livro “Aventuras de Vivi” (SCLIAR-CABRAL, 2012) é o material do aluno, foi elaborado para que a criança, com o ensino explícito da professora, estabeleça a relação entre o grafema e o fonema, se atendo à direção do traço da letra, para então identificar o vocábulo. Nesse processo, ela é também levada a desenvolver a capacidade de segmentar as

palavras em sílabas, marcando a sílaba tônica, fazendo, assim, a leitura das palavras que já aprendeu a decodificar, no contexto de um texto narrativo, que a estimula a desenvolver o gosto pela leitura. Já no “Sistema Scliar de Alfabetização – Roteiros para o professor: Módulo1”, o alfabetizador conta com a orientação detalhada de como introduzir cada grafema e como explorar a leitura por meio de fichas contendo letras para serem utilizadas para levar a criança a formar novas palavras. O manual oferece ainda sugestões de atividades lúdicas como jogos, dramatização, música, narrativas e outras, que favorecem o desenvolvimento cognitivo, linguístico, físico e social da criança.

Considerações finais

Apresentamos, nesta revisão, um breve relato dos principais métodos de alfabetização de concepção fônica desenvolvidos no Brasil. Observa-se que a utilização desses métodos ainda ocorre de maneira difusa, muitas vezes misturada com outras metodologias (como a silábica e a global), mostrando não seguir uma orientação teórica definida e única.

Esse estado da arte em alfabetização está longe de estar em sintonia com os achados da Ciência da Leitura que comprovam a eficácia da utilização dos métodos baseados no ensino explícito da relação grafema-fonema para a aprendizagem da leitura, não só para crianças com dificuldade de aprendizagem da leitura, mas para todas as crianças. Assim, é essencial que os profissionais que trabalham com a alfabetização de crianças típicas e com intervenção em problemas de aprendizagem tenham conhecimento da fundamentação teórica dos métodos comercialmente disponíveis e que evitem a prática de utilização de métodos com orientações contrastantes.

Como exposto, destacam-se no Brasil cinco métodos principais

de fundamentação fônica, algum deles com evidências de eficácia. Entretanto, exceto o SSA, que se respalda nas ciências humanas, na neurociência e na psicolinguística, a base teórica desses métodos não é igualmente abrangente. Sugerimos, assim, a utilização do SSA, ressaltando que, a despeito de sua criação recente, as primeiras evidências para a sua eficácia estão começando a surgir, sendo uma delas a obtida em um estudo experimental desenvolvido no trabalho de doutorado da primeira autora, sob a orientação da última.

Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A.T.B.; MORAIS, A.G. As Práticas Cotidianas de Alfabetização: o que fazem as professoras?. Reunião Anual da ANPED, 28., 2005, Caxambu/MG. *Anais eletrônicos...* Caxambu/MG: ANPED, 2005. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/?_ga=2.210682389.1044114374.1511095681-731322042.1511095681>. Acesso em: 19 nov. 2017.

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; IBOPE INTELIGÊNCIA. *INAF BRASIL 2011: principais resultados*. 2012. 25 p. Disponível em: <<http://www.ipm.org.br/relatorios>>. Acesso em: 6 nov. 17.

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; IBOPE INTELIGÊNCIA. *Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF: estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho*. São Paulo: 2016. 26 p. Disponível em: <<http://www.ipm.org.br/relatorios>>. Acesso em: 6 nov. 17.

ADAMS, M. J.; OSBORN, J. *Beginning Reading Instruction in the United States*. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. *Fórum Nacional de Educação*. Educação brasileira: indicadores e desafios: documentos de consulta. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <<http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/educacaobrasileiraindicadoresedesafios.pdf>>. Acesso em: 20 abr./2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a criança no ciclo de alfabetização: caderno 02*. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Cadernos_2015/cadernos_novembro/pnaic_cad_2_19112015.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

SCLIAR-CABRAL, L. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. Contexto, 2003.

CAPOVILLA, A. G. S. A eficácia das instruções fônicas. *Revista de educação*

Ceap, v. 40, n. 11, p. 56-58, 2003.

CAPOVILLA, A. S.; CAPOVILLA, F. C. *Alfabetização: método fônico*. São Paulo: Memnon, 2004.

DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.

FRADE, I.C.A.S. *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores*. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Faculdade de Educação. UFMG, 2005.

FRADE, I.C.A.S. Alfabetização hoje: onde estão os métodos. *Presença pedagógica*, v. 9, n. 50, p. 17-29, 2003.

FRADE, I.C.A.S. *Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais*. *Educação (JFSM)*, v. 32, n. 1, p.21-40, 2007.

HEINIG, O. L. O. *Jogos na alfabetização: uma proposta para o desenvolvimento da leitura*. Brusque, SC: NF Gráfica e Editora, 2010.

INAF. Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década. *Boletim INAF*, 2012.

INSTITUTO ALFA E BETO. *Programa Alfa e Beto de Alfabetização*. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://alfaebetosolucoes.org.br/produto/programa-alfa-e-beto-de-alfabetizacao/>>. Acesso: 10 dez. 2016.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vísuo-articulatória. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 18, n. 1, 2006.

JARDINI, R. S. R.; VERGARA, F. A. Alfabetização de crianças com distúrbios de aprendizagem, por métodos multissensoriais, com ênfase fono-vísuo-articulatória: relato de uma experiência. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v.9, n.1, p. 31-34, 1997.

KESKIN, H. K. Programme for international student assessment (PISA) reading competencies: a study of the factors in academic reading. *Anthropologist*, v. 18, n. 1, p.171-181, 2014. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2013/country_note_brazil_pisa_2012.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

MORAIS, A. G. Por que defendemos um ensino sistemático da escrita alfabética? In.: Brasil. Ministério da Educação. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização: caderno 05*. Brasília: MEC, SEB, 2015. p.59-67. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/materiais-listagem/item/60-caderno-5-a-oralidade-a-leitura-e-a-escrita-no-ciclo-de-alfabetizacao>>. Acesso em: 06 nov.2017.

MORAIS, A. G. de. Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos. XIII Encontro Nacional de Didática e Práticas de ensino, 13., 2006, Pernambuco. *Anais...* Pernambuco: UFPE, 2006. Simpósio “Os Discursos e As Narrativas Nos Processos Educativos, 2006.

SCLIAR-CABRAL, L. *Aventuras de Vivi*. Florianópolis: Editora Lili, 2012.

SCLIAR-CABRAL, L. *Sistema Scliar de alfabetização*: fundamentos. Florianópolis: Lili, 2013.

SCLIAR-CABRAL, L. *Sistema Scliar de Alfabetização*: roteiros para o professor: Módulo 1. Florianópolis: Lili, 2013.

SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C. *Problemas de leitura e escrita*: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo, SP: Memnon, 2011. 355p

SEBRA, A. G.; DIAS, N. M. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. *Revista Psicopedagogia*, v.28, n.87, p.306-320, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&t&pid=S0103-84862011000300011&lng=pt&tlng=pt.>. Acesso em: 9 mar. 2017.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n.25, p.5-17. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/&sa=U&ei=F0WU_OPOoivPK78gBg&ved=0CDEQFjAF&usq=AFQjCNH1FnkSbp6dZ_ZXp35z9zDVRmSYQw>. Acesso em: 6 nov.17.

STAHL, S. A.; KUHN, M. R. Does whole language or instruction matched to learning styles help children learn to read?. *School Psychology Review*, v.24, n.3, p.393-404. 1995.

TEMPLE, E.; POLDRACK, G. K.; MILLER, R. A.; TALLAL, P.; MERZENICH, M. M. Neural deficits in children with dyslexia ameliorated by behavioral remediation: evidence from functional MRI. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 100, n. 5, p. 2860-2865, 2003.

YATES, G. C. R. Classroom research into effective teaching. *Australian Journal of Remedial Education*, v. 20, n. 1, p. 4-9, 1988.

YONCHEVA, Y. N.; WISE, J.; MCCANDLISS, B. Hemispheric specialization for visual words is shaped by attention to sublexical units during initial learning. *Brain and language*, n. 145/146, p. 23-33, 2015.

ZORZI, J.L. *As letras falam*: metodologia para alfabetização. São Paulo: Phonics Editora, 2016.

Data de submissão: 28/11/2017

Data de aprovação: 10/05/2018